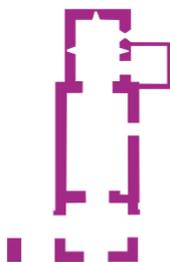


54.

IGREJA DE SÃO JOÃO BAPTISTA DE GATÃO



Largo da Igreja
Gatão
Amarante



41° 17' 48.95" N
8° 3' 47.28" O



918 116 488



Sex. 19h; sáb. 16h
Dom. 8h30



São João Baptista
24 junho



Monumento Nacional
1940



P. 25



P. 25



x

Isolada na paisagem, que até há poucos anos era cortada pela romântica via-férrea da Livração (Marco de Canaveses) a Arco de Baúlhe (Cabeceiras de Basto) (hoje convertida em ecopista), a Igreja de Gatão é um exemplo da integração das igrejas medievais no entorno rural.

Ainda que marcada por um hibridismo estilístico, que estende a sua cronologia de edificação pelos séculos XIII-XIV, esta Igreja conserva na cabeceira alguns elementos românicos que transportam o visitante até aos primeiros séculos desta comunidade, construída quase nos limites diocesanos do Porto e Braga. Além da estreita fresta rasgada na parede fundeira, destacamos em ambos os alçados uma banda lombarda.

O arco cruzeiro, que permite a passagem (outrora vedada à maioria) entre o espaço menor e intimista da capela-mor e a nave, constitui outro testemunho da fábrica românica, tendo sido considerado como a sua “nota mais flagrante de anciania”, segundo o historiador Aarão de Lacerda. Composto por duas arquivoltas quebradas, mas facetadas e lisas, é envolvido por um friso enxaquetado. A arquivolta interior apoia-se sobre duas colunas, cujo fuste baixo e grosso ostenta dois imponentes



A CORNIJA SOBRE ARQUINHOS

Caracteristicamente românica, a cornija sobre arquinhos surge em diversos monumentos da época românica edificados ao longo dos vales do Sousa, do Tâmega e do Douro: o Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90), o Mosteiro de Ferreira (Paços de Ferreira) (p. 66), a Igreja de Sousa (p. 38) e a Igreja de Airães (Felgueiras) (p. 47) ou a Igreja de São Martinho de Mouros (Resende) (p. 126) são alguns exemplos. Foi a partir da fachada principal da sé de Coimbra que este motivo se disseminou um pouco por todo o românico português, assumindo um lugar peculiar no seio daquilo que Manuel Monteiro denominou como "românico nacionalizado": assentando em cachorros lisos, a cornija sobre arquinhos afirma-se no seio desta família do românico português ao nível do remate superior dos alçados laterais.



tes capitéis lavrados, numa composição formada por motivos vegetalistas e enroscamentos, embora, porque diferentes, o do lado da Epístola revele um tratamento mais cuidado no talhe da pedra. Estes capitéis são originais, mas muito tardios e comparáveis aos do claustro da colegiada de Guimarães.

No período moderno, esta Igreja sofreu alterações que, sobretudo no interior,

criaram a imagem que dela podemos obter nos dias de hoje: edifício marcado pelo granito que exhibe a sua textura fora e dentro, contrariando outros tempos quando se encontrava rebocada e caiada no exterior e, no interior, revestida com pinturas murais, de que apenas restam alguns vestígios.

AS CAMPANHAS ARTÍSTICAS

De facto, quer as igrejas de fábrica medieval, quer as que sofreram alterações no período posterior ao Concílio de Trento (1545-1563), são marcadas por campanhas artísticas nem sempre compreendidas à luz de um certo minimalismo arquitetónico atual. Desde as decorações com pinturas a fresco durante a Idade Média, até à combinação de vários materiais e técnicas durante a Época Moderna, cujo auge foi atingido durante o barroco, os templos católicos foram sempre lugares onde a arte significava um meio de caminhar para Deus.

As pinturas murais de Gatão, que resistiram às intervenções contemporâneas do século XX, revelam ainda, na sua iconografia, cores e adaptação à estrutura da Igreja, a sensibilidade espiritual e religiosa de quem as mandou executar, concebeu e se prostrava ante elas. Na capela-mor subsistem duas representações em bom estado: no lado do Evangelho, *Cristo transporta a cruz* com visível esforço e sacrifício. Por baixo, uma legenda, HV-MILIAVIT SEMETIPM VSQUE AD MORTEM. A expressão, embora incompleta, remete para o versículo da epístola de São Paulo aos Filipenses: "Humiliavit semetipsum, factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis" [Humi-

lhou-se a si mesmo, feito obediente até à morte, e morte de cruz] (Fl 2, 8). Do lado oposto, da Epístola, *Santo António de Lisboa* exhibe ante os fiéis os seus atributos mais comuns: o livro e sobre ele o Menino Jesus, em pé, e ainda uma flor-de-lis, símbolo de realeza e pureza.

Sobre a fresta que hoje se encontra aberta e permite a entrada de luz através da cabeceira, encontrava-se uma representação de São João Baptista, o orago da Igreja, apeada nas remodelações efetuadas na década de 30 do século XX. Vestia a tradicional indumentária de eremita e fazia acompanhar-se pelo cordeiro e pela cruz-estandarte que ele, como arauto da Boa Nova, exhibe enquanto anúncio e símbolo de Vida na Morte.





Na nave persistem três fragmentos do programa que cobriria toda a parede exterior do arco cruzeiro: uma pintura representando o *Calvário* (sobre o topo do arco triunfal), outra a *Coroação da Virgem* (do lado esquerdo), outra deixando entrever o momento do *Martírio de São Sebastião pela sagitação* (do lado direito), acompanhado por *Santa Catarina de Alexandria* e por *Santa Luzia*, representadas com os respectivos atributos iconográficos.

As pinturas da capela-mor são atribuídas a artífice ou artífices desconhecidos do século XV e as da nave ao século XVI. Além das pinturas murais particularmente atrativas, não podemos deixar de destacar a escultura, dita da *Virgem do Rosário*, que se venera na capela-mor. É uma imagem dos finais do século XVII, evidenciando já a linguagem barroca presente na indumentária de drapeados adamascados, posicionando-se, porém, segundo modelos anteriores em que a Virgem exibe uma rosa, uma romã ou outro fruto, símbolos de pureza e fecundidade.

À nave, que ainda hoje nos mostra uma estrutura medieva, denunciada pelas estreitas frestas e pela composição do portal sul, a Época Moderna acrescentou-lhe a galilé e a sineira onde são por demais evidentes os elementos caracterizadores de uma estética classicizante.

TEIXEIRA DE PASCOAES

A Gatão liga-se o nome de Teixeira de Pascoaes, um dos mais importantes poetas, escritores e ensaístas de Portugal na viragem do século XIX para o século XX. Na sua escrita debate-se com a ideia da existência humana, da figura de Deus, da espiritualidade saída do combate entre o positivismo e a sua radicalidade e o nacionalismo emergente dos primeiros decénios do século XX. Foi monárquico e deixou um legado muito particular sobre a região onde nasceu (1877) e viveu, à sombra do Marão e à vista do Tâmega. Faleceu em 1952 e foi sepultado no cemitério em frente à Igreja de Gatão. A cerca de dois quilómetros, ainda em Gatão, aproveite para visitar a Casa de Pascoaes, um solar do século XVI-XVII, para onde toda a família de Teixeira de Pascoaes foi viver quando o poeta tinha apenas dois anos. Uma "casa para a poesia", como lhe chamou Eugénio de Andrade (1923-2005).



A NÃO PERDER

• 0,04 km: Ecopista do Tâmega (p. 279)